

Ferraz, S. & Pereira, B. (2012). Comportamentos de bullying: Estudo numa escola técnico profissional. In I. Condessa, B. Pereira, & C. Carvalho (Coord.). *Atividade Física, Saúde e Lazer. Educar e Formar*. pp. 93-99, Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança, Instituto de Educação, Universidade do Minho. (ISBN: 978-972-8952-22-8)

COMPORTAMENTOS DE BULLYING: ESTUDO NUMA ESCOLA TÉCNICO – PROFISSIONAL

SÓNIA FERRAZ¹, BEATRIZ PEREIRA^{1,2}

RESUMO: Este estudo procurou compreender de que modo o *bullying* existe nas relações dos alunos no ensino Técnico-Profissional. O estudo foi organizado em duas partes: a primeira parte, que procura perceber o comportamento de agressão e vitimação entre pares, com uma amostra de 115 alunos entre os 15 e os 24 anos, em que 66,1% são do género masculino, e 33,9% do género feminino, sujeitos a um questionário adaptado de Olweus. A amostra concentra-se nos 17 anos de idade.

Quanto aos resultados, verificou-se que a existência de comportamentos de bullying é bem patente, sendo uma grande percentagem dos alunos já retidos mais que uma vez e sendo estes maioritariamente do género masculino. Denote-se também que muitos dos inquiridos, afirmam ter presenciado situações de bullying.

Introdução

Pedro Strecht no seu livro “À Margem do Amor”, ressalta que “...a promoção da saúde mental inclui dar condições às crianças e jovens para desenvolverem a sua resistência aos inevitáveis desafios e dificuldades das suas vidas...” (2003:23).

O presente estudo tem como objetivo fundamental estudar o *bullying* numa escola de ensino Técnico-Profissional, usando para isso um questionário adaptado, e administrado a 115 alunos da escola em questão.

A escola é por excelência um contexto fundamental para fomentar o inter-relacionamento e o desenvolvimento das crianças e jovens, até pelo menos à sua entrada na fase adolescente, logo, antes de podermos resolver ou prevenir um problema, temos

¹ Instituto de Educação da Universidade do Minho. Braga, Portugal.

² Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC) e Departamento de Teoria da Educação e Educação Artística e Física, Instituto de Educação da Universidade do Minho. Braga, Portugal.

que defini-lo com clareza e objetividade. É fundamental saber por isso, o que envolve, a quem se refere, e sobretudo, quais os seus efeitos quer a curto, quer a longo prazo.

Trata-se de comportamentos de *bullying* quando um ou mais alunos decidem agredir injustamente um outro(s) colega(s), submetendo-o(s) muitas vezes por períodos prolongados a uma, ou múltiplas formas comuns de agressão, quer física, quer verbal, quer de cariz psicológico, influenciando algum tipo de pressão no indivíduo (Olweus, 1993; Pereira 2008). A maior parte das agressões ocorrem sem que exista qualquer provocação. O sofrimento da vítima pode assim ser, não só físico, como psicológico, como ambos simultaneamente, o que se torna ainda mais grave para as vítimas.

A urgência em eliminar o *bullying* devido essencialmente aos seus efeitos negativos imediatos, e mais tarde a longo prazo, quer para as vítimas como para os agressores, tem por isso, sido o marco determinante deste tipo de investigações, que assentam nas vivências quotidianas e escolares destes alunos.

O principal objetivo prende-se assim, com a intervenção como modo de redução e prevenção destas condutas agressivas no meio escolar, dando atenção prioritária aos espaços de recreio e lazer, onde não existe qualquer controlo por parte das entidades docentes e não docentes, o que torna o aluno – vítima, mais vulnerável à agressão do dito *bullie*.

É pois, a intencionalidade de fazer mal, bem como o comportamento persistente de uma prática da qual a vítima é fruto, que separa o *bullying* de outro tipo de contextos agressivos, comportando normalmente três fatores identificadores de diferenciação (Sani, 2002): *o mal causado a outrem sem provocação inicial; as intimidações e a vitimização não ocasional, e sim regular; a generalizada força interior e física dos agressores que comportam já naturalmente um perfil violento e ameaçador.*

A responsabilidade de todos os técnicos intervenientes neste processo é por essa mesma razão, acrescida. Ignorar um caso destes e colocar em risco a vida destas crianças e jovens, perdendo a oportunidade de intervir numa família em crise, torna-se assim, um ato negligente, numa sociedade que abrange cada vez mais situações de bloqueio emocional e sentimentos de rejeição face à crise de insegurança demasiado óbvia, que se gera no país.

Fatores associados ao bullying no contexto familiar

A concentração populacional nas urbes tem vindo a suscitar uma grande alteração nas relações de família. Os filhos tornam-se assim, na grande maioria dos casos, um investimento, no qual se aplica capital cultural, embora nunca se pretenda retirar deste algum proveito, excetuando a realização pessoal e orgulho pelo sucesso das suas crias (Brazelton, 2002).

Relações com uma vinculação segura (*attachement*) entre pais ou tutores e respetivos filhos, não representam qualquer obstáculo para as tarefas da criança (autonomia e independência).

Estudos sobre os estilos de relacionamento parental demonstram que, qualquer um dos tipos de liderança extremos no âmbito educativo (autocrático ou permissivo), pode simbolizar dificuldades acrescidas, bem como desequilíbrios ao jovem em questão (baixa autoconfiança e auto-estima), tornando-os demasiado dependentes, agressivos

e/ou revoltados na sua conduta diária. Assim, o relacionamento familiar, a influência dos estilos parentais mais saudáveis, bem como da comunicação familiar, apesar de apresentarem posturas diferentes na fase da adolescência, continuam a desempenhar funções importantes, assumindo um papel decisivo no ajustamento psicossocial e na saúde mental dos mesmos.

Um estudo realizado por Soucy e Larose, caracteriza a percepção dos adolescentes acerca do controlo dos pais, tal como uma relação segura com pelo menos um deles, especialmente com a mãe, como um bom preditor de inserção social.

Por outro lado, a qualidade de vida familiar e as práticas parentais podem ainda influir na sua prevenção face aos ditos comportamentos de risco (consumo de estupefacientes e álcool, atos de violência, etc).

A comunicação pais-filhos mostra-se então, identificada como uma das mais importantes variáveis no desenvolvimento do comportamento adolescente, nomeadamente na prevenção de consumo de substâncias de risco, iniciando-se a maioria das vezes, no tabaco, devido inclusivamente aos modelos que adquirem (Miller-Day, 2002), agravando-se depois a áreas mais problemáticas, como é o caso dos estupefacientes.

Aprender a lidar com o sucesso nas transições conjugais e familiares (“to deal with” – *Coping*), relaciona-se diretamente com a qualidade da educação e união entre pais-filhos, bem como da sua capacidade de cooperação nos obstáculos do casal, promovendo modelos de sucesso na resolução de conflitos e de negociação de cariz saudável e harmonioso.

Alguns estudos sugerem inclusivamente a existência de uma certa predisposição biológica relativamente às condutas inadaptadas destes sujeitos, no entanto, não parece suficiente para explicar por si só, o desenvolvimento agressivo numa infância repleta de acontecimentos marcantes para a sua maturação. A investigação continua contudo, a ser diminuta nesta área, não havendo grande comprovação da ligação entre agressividade das crianças e/ou jovens face ao exemplo familiar que adquirem.

Um dos aspetos mais relevantes na formação de atitudes e valores na infância, é a relação com os iguais. Logo, uma criança dita agressiva, não detém no seu repertório respostas para situações adversas e obstáculos que não sugiram uma conduta agressiva, sendo o seu contato com o meio o resultado de uma interação inadaptada, devida a problemas de codificação de informação que dificultam a criação de respostas alternativas, e sobretudo, mais consistentes.

Um estudo que visava compreender as relações entre a violência doméstica e o bullying através da revisão sistemática da literatura demonstrou que é uma área de investigação que necessita de ser aprofundada mas aponta numa relação de proximidade entre as duas (Senra, Lourenço & Pereira, 2011).

Tipologia do bullying praticado nas escolas

Estudos sobre a agressividade escolar abarcam, sobretudo, o mau trato pessoal, a intimidação de cariz psicológico, bem como o isolamento social entre pares, crianças ou jovens, manifestamente no papel de vítimas.

A adolescência é um período de desenvolvimento de múltiplas alterações físicas, psicológicas, socioculturais, cognitivas, que se caracterizam por reunir esforços para confrontar e superar diversos desafios, favorecendo com isso, a criação de uma identidade e autonomia próprias.

O processo básico de crescimento envolve assim, a modificação de relações mútuas entre indivíduos em inúmeros contextos pelos quais o jovem passa, implicando assim, variações na existência e no ritmo dessas mesmas relações que promovem a diversidade de experiências. São estas, que perfazem a passagem pela adolescência, e que promovem a aproximação aos fatores protetores, ou de risco, neste período de vida.

É fundamental que as entidades responsáveis, políticos, educadores, profissionais do ensino e saúde, entre outros, reconheçam a diversidade de potencialidades que os jovens podem comportar, adequando assim estratégias de comunicação intergruppal, e permitindo-lhes tornarem-se parte integrante nas intervenções a seguir, de modo a transformá-los desde logo, em cidadãos úteis e ativos na sociedade, e não em simples mártires ou incapazes.

Incidentes recentes de comportamentos violentos no contexto escolar, vêm chamar também a atenção para a necessidade de identificar as características individuais, interpessoais e comunitárias para a posse e uso de estupefacientes e armas (brancas ou de fogo). Distintos são ainda os fatores que levam os estudantes a transportar armas dentro, ou fora do recinto escolar.

Deste modo, pode concluir-se que o papel dos pares ou colegas, não é reduzido unicamente à quantidade de amigos, mas sim, à qualidade perceptível dessas mesmas relações, partindo daí, a eficácia na integração e aceitação do seu grupo de pertença (Strecht, 2002).

Atitudes Face ao Bullying – Diferenciação de Géneros

Os primeiros estudos internacionais enfatizando este fenómeno foram introduzidos por Olweus (Pereira, 2002). Numa análise aprofundada sobre o desenvolvimento dos conceitos de agressão e violência, verifica-se que esta desde sempre existiu. Daí se constatar a importância do género e do papel deste nesta tipologia de manifestações, já que, a tradição do comportamento agressivo prevalece no âmbito masculino.

As estatísticas criminais tornam-se perentórias em demonstrar que, o maior número de perpetradores de violência pertence ao sexo masculino em qualquer uma das diferentes comunidades. “...o comportamento humano é regulado e formado por fatores culturais. As diferenças na agressividade entre os sexos foram atribuídas aos diferentes papéis sociais associados e fatores biológicos...” (Pereira, 2002).

A agressão pode assim, tomar múltiplas formas, todavia, sintetizam-se em três categorias fundamentais: agressão direta física, agressão direta verbal, e agressão indireta por si só, passando logo depois, para a diferenciação de género propriamente dita (Machado & Gonçalves, 2002). Também um estudo Skrzypiec et al. (2011) demonstrou que ser vítima de uma forma ou mais do que uma forma está significativamente associado com a dificuldade em dar respostas com vista a parar com as situações de *bullying*, sendo mais gravosa a situação para aqueles que sofrem diversas formas de vitimização.

O *bullying* está associado com o género, sendo os rapazes os mais envolvidos como agressores e vítimas. O ser agressor está relacionado de forma significativa com o ano de escolaridade e com o insucesso escolar verificando-se o aumento da agressão diretamente associado a ter tido insucesso e agravando-se para aqueles que registaram maior insucesso traduzido em mais anos de reprovação (Pereira et al, 2004).

O insucesso e o abandono escolar estão associados ao *bullying* e a trajetórias de vida de marginalidade e posterior criminalidade (Saraiva, Pereira, & Zamith-Cruz, 2011a,b).

Os rapazes assumem mais os papéis de agressores, apoiantes do agressor e o de assistente, enquanto as raparigas assumem mais o papel de defesa da vítima (Salmivalli et al, 1996, cit in Pereira, 2008).

Estudo

O objetivo do estudo foi sobretudo, descrever e compreender de que modo o *bullying* existia nas relações entre pares e a diferenciação dos tipos de *bullying* quanto género, em alunos do ensino Técnico-Profissional.

Metodologia

Este estudo foi realizado numa escola de âmbito Técnico-Profissional da área Metropolitana do Porto, mais propriamente da zona de Gondomar, onde os alunos foram avaliados com o questionário adaptado de Olweus.

Na sua totalidade a amostra conteve 115 participantes de ambos os géneros, com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos.

O questionário foi adaptado pelas autoras, e aplicados com a autorização dos alunos envolvidos e respetivos professores, de forma a não criar interferências com o normal funcionamento das aulas.

Teve como duração cerca de 15 a 30 minutos sensivelmente, dependendo das dúvidas colocadas e interpretação dos alunos, sendo distribuídos turma a turma.

Os questionários eram constituídos por 40 perguntas, com três hipóteses de resposta: Sim, Não, e Às vezes. As questões abarcavam várias temáticas significativas para o contexto do *bullying*, abrangendo não apenas o *bullying* em si, mas também outro tipo de comportamentos de foro agressivo relevantes, tais como, “costumas agradecer, pedir desculpa ou por favor?”, “tentas resolver os problemas sozinho ou pedes ajuda?”, “Chamas ou chamam-te nomes ou metem-se contigo?”, “metes medo ou assustas os colegas?”.

Ainda foram realçadas também questões relativas à temática da autoestima, de modo a avaliar a sua influência nos seus comportamentos, de entre elas: “gostas de ti, do teu aspeto ao espelho?”, “dás a tua opinião e és capaz de a defender?”.

O uso das questões referentes à auto-estima procurou facilitar também mais tarde, o propósito de estudar de forma aprofundada alguns casos, de modo a constatar-se se esse fator se encontraria ou não presente nesses mesmos alunos.

Resultados

A amostra deste estudo foi constituída por 115 alunos de uma Escola Técnico-profissional, com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos, sendo que a concentração da mesma reside entre os 15 e os 19 anos (87%). A idade média era de 17,73%, sendo o desvio padrão de 1,769. De salientar ainda que, 76 casos são do género masculino (66,1%), e 39 do género feminino (33,9%).

Outra variável estudada é a relativa às retenções, sendo que 89 alunos da amostra são alunos já retidos mais do que uma vez (77,4%). A diferença entre a percentagem de rapazes e raparigas retidas é mínima (rapazes – 78,9%; raparigas – 74,4%), logo não significativa. Evidencia-se uma maior prevalência de comportamentos de vitimação no sexo feminino, de foro verbal e menos físico, talvez devida às características próprias do género em questão, e de tendência às ofensas verbais como modo de intimidação.

Relativamente aos comportamentos de *bullying* por agressão, 67% dos inquiridos apresenta comportamentos característicos desta problemática, e 33% não apresenta. No entanto, 61,7% afirma não ter assistido a comportamentos de *bullying* com os colegas, e apenas 38,1% diz ter presenciado. Apesar da elevada percentagem de alunos envolvidos em *bullying*, os jovens que afirmam ter presenciado situações de *bullying* dentro do recinto escolar são de 38,3%.

Quanto à percentagem de vítimas, 41% são do género feminino, e 11,8% do género masculino. Ainda quanto aos agressores, a percentagem é de 15,8% para o género masculino, e de 10,3% para o feminino. A percentagem de rapazes e raparigas que presenciaram comportamentos de *bullying* é relativamente idêntico (rapazes – 38,2%; raparigas – 38,5%).

Discussão de Resultados

Tal como nos estudos mencionados na revisão da literatura, pode assim constatar-se que nesta escola também se encontra evidente a presença de vitimação por comportamentos de *bullying* na amostra retirada, sendo que esta se evidencia de modo mais acentuado também no género feminino, opostamente aos rapazes que se denotam mais agressores, embora a diferença seja pouco acentuada. Ainda também, que estes valores são relativamente mais elevados que em outros estudos já mencionados.

De referenciar ainda, que existe um elevado índice de reprovação nos alunos da amostra, e uma elevada percentagem de não repetentes que afirma ter presenciado situações de vitimação, contudo, aqui a diferença relativamente ao género é diminuta.

Saliente-se no entanto, que este estudo é de pequena dimensão e que envolve uma das muitas escolas técnico-profissionais que existem a nível nacional, podendo ser uma porta de entrada para o estudo de muitas outras, para além da maioria dos estudos já efetuados serem em escolas de ensino dito, regular.

Estes resultados podem, contudo, justificar-se pela dificuldade de inserção destes mesmos alunos, devido a múltiplas problemáticas características destes grupos, tais como: pouco suporte familiar, situações familiares conflituosas, falhas vinculativas, todos eles fatores, desde sempre realçados neste tipo de situações e que denotam maior

fragilidade por parte destas faixas etárias, quer sejam vítimas, ou agressores, e que vivem uma fase de mudanças significativas nas suas vidas, devido à importância destes cursos na sua busca de independência monetária e social, já que se encontram no início da sua vida adulta.

Por outro lado, pode pensar-se também num tipo de estruturação de personalidade já voltada para o cariz agressivo, quer por exemplos vinculativos, ou outros, pressupondo uma possível entrada num processo de delinquência juvenil, embora numa fase algo iniciante, visto estarmos a abordar a faixa etária da adolescência e entrada na pós-adolescência.

Estes resultados sugerem assim, uma certa preocupação face a estes jovens que devem ser observados de perto e apoiados de forma a minimizar este tipo de incidência de forma a atenuar uma incidência ou reincidência em delinquência futura.

Referências

- Brazelton, T. (2002). *A Criança e o seu Mundo – Requisitos Essenciais para o crescimento e aprendizagem*. Editorial Presença.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school*. Cambridge: Blackwell Publishers.
- Pereira, B. & Pinto, A. (coords.), *A escola e a criança em risco – intervir para prevenir* (pp. 203-223). Porto: Edições Asa.
- Pereira, B. (2001). *A violência na escola – formas de prevenção*. In Pereira, B. & Pinto, A. (coords.), *A escola e a criança em risco – intervir para prevenir* (pp.17-47). Porto: Edições Asa.
- Pereira, B. (2008). *Para uma escola sem violência – estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças* (2ª ed.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Pereira, B., Mendonça, D., Neto, C., Valente, L. & Smith, P. K. (2004) *Bullying in Portuguese schools*. *School Psychology International*, 25 (2) 207-222. <http://hdl.handle.net/1822/6094>.
- Saraiva, A. B., Pereira, B. & Zamith-Cruz, J. (2011a). School dropout, problem behaviour and poor academic achievement: a longitudinal view of portuguese male offenders. *Emotional and Behavioural Difficultie*, Special Issue: Longitudinal Research on Emotional and Behavioural Difficulties 16(4), 419-436.
- Saraiva, A. B., Pereira, B. & Zamith-Cruz, J. (2011b). Trajectórias, vidas e bullying escolar. In A. J. Barbosa, L. M. Lourenço, & M. B. Pereira (Orgs.), *Bullying. Conhecer e intervir* (pp. 83-92). Juiz de Fora, Editora UFJF.
- Senra, L. X., Lourenço, L. M. & Pereira, B. O. (2011). Características da Relação entre Violência Doméstica e Bullying: Revisão Sistemática da Literatura. *Gerai*: *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 4 (3), 297-309. (Qualis B3) <http://www.fafich.ufmg.br/gerais/index.php/gerais>.
- Skrzypiec, G., Slee, P., Murray-Harvey, R. & Pereira, B. (2011) School bullying by one or more ways: does it matter and how do students cope? *School Psychology International*, 32(3) 288-311 (IF: 0,716). <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/13612>.
- Strecht, P. (2001). *Preciso de Ti – Perturbações Psicossociais em Crianças e Adolescente*, 3ª edição. Lisboa: Assírio & Alvim.